

Copyright da tradução, notas e postácio © 2001  
by Paulo César Lima de Souza

Título original:

*Die frohliche Wissenschaft.*

*La gaja scienza (1882, 1887)*

Capa:

*João Baptista da Costa Aguiar*

Preparação:

*Carlos Alberto Inada*

Revisão:

*Hélio A. Ribeiro Filho*

*Claudia Camarin*

*Carmen S. da Costa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

A gaja ciência / Friedrich Wilhelm Nietzsche : tradução,  
notas e postácio Paulo César de Souza. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2001.

Título original: Die frohliche Wissenschaft  
ISBN 85-359-0147-7

1. Filosofia alemã I. Título

01-4202

CDN-193

Índices para catálogo sistemático:

- |                         |     |
|-------------------------|-----|
| 1. Alemanha : Filosofia | 193 |
| 2. Filosofia alemã      | 193 |
| 1. Filósofos alemães    | 193 |

2001

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ LTDA,

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3846-0801

Fax: (11) 3846-0814

www.companhiadasletras.com.br

*Ich wohne in meinem eigenen Haus,  
Hab Niemandem nie nichts nachgemacht  
Und — lachte noch jeden Meister aus,  
Der nicht sich selber ausgelacht.*

Vivo em minha própria casa,  
Jamais imitei algo de alguém  
E sempre ri de todo mestre  
Que nunca riu de si também.

*Inscrição sobre a minha porta*

também se acham em extinção: — salvemos a sua imagem e o seu tipo, ao menos em prol do conhecimento!

## 123.

*O conhecimento sendo mais que um meio.* — Mesmo sem esta nova paixão — refiro-me à paixão do conhecimento —, a ciência seria fomentada: até agora a ciência cresceu e se desenvolveu sem ela. A boa fé na ciência, o preconceito a seu favor, que hoje predomina em nossos Estados (até na Igreja, antes), no fundo baseia-se no fato de que esse incondicional ímpeto e pendor manifestou-se raramente nela, e de que justamente a ciência *não* é considerada uma paixão, mas um estado e um *ethos*. Com frequência basta o *amour-plaisir* [amor-prazer] do conhecimento (a curiosidade), basta o *amour-vanté* [amor-vaidade],<sup>6</sup> habituar-se a ela com a segunda intenção de dinheiro e honrarias, e para muitos basta não saberem o que fazer com o ócio em demasia, exceto ler, colecionar, ordenar, observar, continuar relatando; o seu “impulso científico” é o seu tédio. Certa vez o papa Leão X (no *Breve a Beraldo*) fez o elogio da ciência: chamou-a de mais belo ornamento e orgulho maior da nossa vida, de nobre ocupação na felicidade e na miséria; “sem ela”, diz ele por fim, “toda empresa humana careceria de apoio sólido — e mesmo com ela tudo é ainda insólito e inseguro!”. Mas esse papa toleravelmente cético não pronuncia, como os demais louvadores eclesiásticos da ciência, o seu julgamento final sobre ela. De suas palavras é possível depreender, o que já é singular para um tal amigo das artes, que ele põe a ciência acima da arte; enfim, porém, é apenas a ambigüidade ele não mencionar aí o que põe bem acima de toda ciência: a “verdade revelada” e a “eterna salvação da alma” — comparados a isso, o que são ornamento, orgulho, distração, segurança de vida! “A ciência é algo de segunda ordem, nada de derradeiro e absoluto, nenhum objeto de paixão” — este julgamento Leão X guardou em sua alma: o juízo propriamente cristão acerca da ciência! Na Antigüidade, a sua dignidade e seu

reconhecimento eram diminuídos pelo fato de mesmo os seus mais fervorosos discípulos darem primazia à busca da *virtude*, e de que já se acreditava ter feito o mais alto elogio da ciência, ao festejá-la como o melhor meio para alcançar a virtude. Há algo novo na história, quando o conhecimento quer ser mais do que um meio.

## 124.

*No horizonte do infinito.* — Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte — mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruga, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais *liberdade* — e já não existe mais “terra”!

## 125.

*O homem louco.* — Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!” — E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrrou? — gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar: “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! *Nós o matamos* — vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos



## 126.

*Explicações místicas.* — As explicações místicas são tidas por profundas, na verdade, elas não chegam a ser superficiais.

## 127.

*Efeito posterior da antiga religiosidade.* — Todo homem infletido acha que somente a vontade é atuante; que querer é algo simples, puramente dado, não deduzível, em si mesmo inteligível. Está convencido de que quando faz algo, quando desfecha um golpe, por exemplo, é *ele* que golpeia, e que golpeou porque *quis* fazê-lo. Ele não nota problema algum aí, basta-lhe o sentimento da *vontade*, não apenas para a suposição de causa e efeito, mas também para a crença de *compreender* sua relação. Ele nada sabe a respeito do mecanismo do evento e do trabalho cem vezes sutil que tem de ser realizado para que se chegue ao golpe, nem da incapacidade da vontade mesma de fazer sequer uma parte mínima desse trabalho. Para ele, a vontade é uma força magicamente atuante: crer na vontade como causa de efeitos é crer em forças magicamente atuantes. Originalmente, toda vez que presenciou um evento o homem acreditou numa vontade como causa e em seres pessoais, donos de vontade, atuando no fundo — o conceito de mecânica lhe era muito distante. Mas, como por períodos enormes o homem acreditou somente em pessoas (e não em matérias, forças, coisas, etc.), a crença em causa e efeito se tornou para ele a crença fundamental, que ele aplica toda vez que algo acontece — ainda hoje instintivamente, como um atavismo da mais remota origem. As teses de que "não há efeito sem causa", "todo efeito é novamente causa", aparecem como generalizações de teses muito mais estreitas: "Onde há atuação, houve vontade", "Só é possível atuar sobre seres donos de vontade", "Nunca se sofre puramente e sem consequência um efeito, sofrê-lo constitui sempre uma excitação da vontade" (para a ação, a defesa, a vingança, a represália) — entretanto, nos primórdios da humanidade estas e aquelas teses eram idênticas,

isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatlar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não cáimos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda 'em cima' e 'embaixo'? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anotece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos covéis a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? — também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais — quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior — e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então! Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. "Eu venho cedo demais", disse então, "não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação — e *no entanto eles o comemoram!*" — Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu *Requiem aeternam deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: "O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?"



ma coisa lhe desatou naquele instante a língua, e ele falou: "Oh, Críton, devo um galo a Asclépio." Essa ridícula e terrível "última palavra" quer dizer, para aqueles que têm ouvidos: "Oh, Críton, *a vida é uma doença*". Será possível? Um homem como ele, que viveu jovialmente e como um soldado à vista de todos — era um pessimista? Ele havia apenas feito uma cara boa para a vida, o tempo inteiro ocultando seu último juízo, seu íntimo sentimento! Sócrates, Sócrates *sofreu da vida*. E ainda vingou-se disso — com essas palavras veladas, horríveis, piedosas e blasfemas!<sup>104</sup> Também um Sócrates necessitou de vingança? Falou um grão de generosidade à sua tão rica virude? — Ah, meus amigos, nós temos que superar também os gregos!

## 341.

*O maior dos pesos.* — E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: "Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem — e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente — e você com ela, partícula de poeira!" — Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: "Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!"; Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, "Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?"; pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação e chancela?

## 342.

*Incipit tragoedia* [A tragédia começa]. — Quando Zarathustra fez trinta anos de idade, abandonou sua terra e o lago de Urmi e foi para as montanhas. Lá ele desfrutou seu espírito e sua solidão e por dez anos não se cansou disso. Mas afinal seu coração mudou — e uma manhã levantou-se ele com a auro-ra, voltou-se em direção ao Sol e falou-lhe assim: "Ó, astro-rei! Qual seria tua felicidade, se não tivesses aqueles a quem iluminas? Durante dez anos subsiste até a minha gruta: estarias farto de tua luz e desse caminho, se faltassem eu, minha água e minha serpente; mas nós te esperamos a cada manhã, recebemos da tua abundância e te bendizemos por ela. Olhai! Estou enfastiado de minha sabedoria, como a abelha que junto demasiado mel; preciso de mãos que se estendam, quero oferecer-lhe e reparti-la, até que os sábios entre os homens novamente se alegrem de sua tolice e os pobres de sua pobreza. Para isso tenho que descer à profundezas: como fazes tu à noite, quando segues por trás do mar e levavas a luz também ao mundo de baixo, ó estrela pródiga! — assim como tu, eu tenho que *declinar*, como dizem os homens até os quais quero descer. Então abençoa-me, ó olho tranquilo, que sem inveja pode olhar até uma felicidade em excesso! Abençoa o cálice que quer transbordar, para que dele flua a água dourada e carregue a toda parte o brilho do teu enlevo! Olhai! Este cálice quer novamente ficar vazio, e Zarathustra quer novamente ser homem!" — Assim começou o declínio<sup>105</sup> de Zarathustra.